

Vivendo em tempos de interregno – *em busca da esperança em Babel*

Página |
152

Grassinete Oliveira⁵⁶

Universidade Federal do Acre (UFAC)

BAUMAN, Zygmunt. MAURO, Ezio. **Babel: entre a incerteza e a esperança.** Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 150 p

Zygmunt Bauman é considerado grande pensador da modernidade, nasceu na Polônia e morava na Inglaterra, desde 1971. Morreu em Leeds, em janeiro de 2017. Professor emérito das Universidades de Varsóvia e Leeds, teve mais de trinta livros publicados no Brasil. Foi um autor, cujas obras versavam sobre temas da contemporaneidade, sendo um profundo analista dos fatos do cotidiano. Ezio Mauro, jornalista e escritor italiano. Considerado um jornalista que desempenha seu serviço com paixão e empenho constantes, suas principais características são zelo, obstinação e capacidade de compreender o interlocutor. Foi correspondente internacional e dirigiu os importantes jornais italianos, “La Repubblica” e “La Stampa”.

A obra BABEL: entre a incerteza e a esperança mantém a característica de outras obras de Bauman, a dialogicidade, que busca nas diferentes vozes citadas no texto, a reflexão acerca dos fatos do cotidiano, de como a liquidez da modernidade afeta todos os campos sociais, econômicos, culturais, ideológicos e políticos. Os autores buscam refletir e propor um caminho para os impasses vividos na era globalizada, dos perigos que corremos com o enfraquecimento da democracia no mundo e de como nossas relações interpessoais se encontram frágeis e solitárias na era da conectividade.

A obra está disposta em três capítulos que discutem sobre a crise da democracia na era da globalização e o papel do Estado nesse processo, ou seja, que essa crise leva a uma falsa tolerância e respeito ao outro, além da diversidade e vulnerabilidade dos indivíduos em

⁵⁶ Professora Auxiliar do Centro de Educação, Letras e Artes (CELA), da Universidade Federal do Acre – UFAC. Atua na área de Linguística Aplicada em Ensino de Línguas Estrangeiras. Doutoranda em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Possui Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade, pela UFAC. Bolsista CAPES.

tempos de hiperconectividade. Diante dessa crise democrática, os autores apontam que vivemos em tempo de interregno, “*entre o não mais e o ainda não, numa inter-relação sem fim*” (p. 129), ou seja, o tempo que há de vir, ainda são apenas rascunhos.

Assim, o primeiro capítulo, Num espaço desmaterializado, os autores discutem sobre a crise econômica, política e da democracia, expondo que a crise é indiferente ao processo democrático, que atua como uma sombra projetada, tirando vantagens das fraquezas desse processo e a exagerando. A crise econômica e política afeta todos os aspectos da condição humana e nos deixa em um processo contínuo de segurança e liberdade para sempre incompletos. Os autores procuram evidenciar que essa insegurança é claramente comprovada por meio do voto. Existe uma clara evidência de que os eleitores não confiam nas pessoas que elegem, tendo em vista o não cumprimento das “promessas” feitas durante as campanhas políticas. Segundo os mesmos, parece que o Estado não tem interesse nas cotas do cidadão (liberdade, segurança), pois a bolsa de valores do poder, faz seus acertos alhures, nos espaços impessoais dos fluxos financeiros. Em face disso e de outros fatores, a confiança nas instituições que foram e são criadas para proporcionar o bem-estar do cidadão põe em xeque o que conhecemos sobre a própria democracia.

Ezio Mauro destaca que chegamos ao ponto de termos “alergia à democracia”, pois o cidadão, decepcionado com o Governo e com os partidos políticos, percebe e sente a insegurança nas propostas apresentadas por seus representantes. Essa instabilidade política gera um sentimento de medo do que há por vir, de que não se consiga ter o controle para administrar momentos graves de crises, fazendo com que essa inconsistência que se instaura nos mais diversos países faça surgir uma nova solidão, que mobiliza no cidadão o sentimento de traição diante de promessas democráticas que não são cumpridas, além de não visualizar mais razão em buscar seus direitos no coletivo, tendo em vista que, para quem se encontra no poder, palavras como liberdade, deveres e direitos parece terem se tornado irrelevantes.

Bauman pontua que essa incapacidade de governança do Estado deixou evidente o sentimento de caos e incerteza, caracterizando, desse modo, o primeiro exemplo de interregno, ou seja, os modos de agir existentes não se mostram mais adequados e os modelos que surgem para substituí-los, não são suficientes. Todavia, o autor discorre que para salvar a democracia, deve-se pensar como uma “medicina preventiva”, na qual o abandono, a desesperança, alienação, vulnerabilidade e as mazelas sociais dependem da nossa capacidade de olhar, pensar e agir para além das fronteiras territoriais, de maneira coletiva. Não há atalho e nem solução pronta, o caminho é árduo e longo em busca de uma “comunidade não imaginada” dos Estados-Nação (BAUMAN; MAURO, 2016, p. 24).

O segundo capítulo, Num espaço social em transformação, os autores continuam trançando o texto em torno da carência de política. Salientam que mesmo com os movimentos espontâneos que existem ao redor do mundo, estes estão longe de serem neutros, pois funcionam rompendo o que, a princípio, não podem restaurar. Um exemplo marcante é o fenômeno das desigualdades e das novas desigualdades (alta taxa de desempregos, mesmo com pessoas com alto grau de escolarização), que se tornam a marca registrada do tempo atual. Antes havia a ilusão de que a sociedade fazia parte de uma história coletiva, de indivíduos únicos livres, pertencentes a diferentes grupos sociais, de valores distintos, mas compartilhando de uma visão comum, o desenvolvimento e o crescimento da sociedade. Hoje esses caminhos estão bloqueados e parecem intransponíveis.

Diante de cenário crítico, de desfalecimento da sociedade diante da crise econômica, política e social, Bauman situa que, apesar de ainda haver a resistência de hábitos de cristandade, de igualdade, o sentido do coletivo está sendo abandonado, os pobres já não assustam mais ninguém, pois não têm mais relevância na sociedade, não há nenhuma narrativa que os tornem visíveis, nenhuma classe que os una. Nas palavras do autor, nós os evitamos não apenas do ponto de vista físico, mas político também, já que se pode eliminá-los. E isso nunca tinha acontecido antes. Nesse sentido, é preciso pensar e avaliar essas ações. A visão é pessimista, mas o que mantém a sociedade viva e atuante é a imortalidade da esperança.

O terceiro capítulo, Solitários interconectados, os autores aludem que diante da tecnologia, da hiperconectividade, deixa-se de enxergar o processo, o conceito não é bem compreendido e busca-se cegamente a solução. Ou seja, exclui-se do processo cognitivo a capacidade de estudar, entender, descartar, definir, refinar e finalmente escolher. Fragmenta-se a estrutura que dá forma à opinião pública.

Os autores discorrem que os provedores de internet são muitíssimos hábeis na aplicação de tecnologias para planejamento de “público e/ou cliente-alvo”. São competentes e rápidos na identificação dos padrões de preferências desse público e, também, dos critérios mediante os quais você teria escolhido “os nós humanos” que definiu ao tecer sua rede. Isso significa dizer que, tendo feito isso, essa tecnologia vai buscar satisfazer, sem seu pedido e sem perguntas, seu impulso consciente ou inconsciente na direção de seu grupo de pares. Essa tecnologia vai atrair sua atenção sobre eles, ao mesmo tempo que deixará fora desses limites, todos que possam perturbá-los, enfraquecê-los, irritar a sua quietude autossatisfeita da sua zona de conforto.

Destacam ainda que a “rede” não é um espaço para desafiar as ideias recebidas e as preferências de seu criador. Não é um espaço para pensar no significado do discurso. Para Bauman, somente seremos capazes de compreender o significado dos objetos quando “relacionados à gramática oculta existente por trás do denso matagal das palavras” (p. 109).

Diante dessa torre de Babel em que a sociedade se encontra, fragmentada, excluída, na qual as pessoas se conectam com o mundo, mas parecem estar sozinhas, na fragilidade do pertencimento, no vazio social, o que nos resta na perspectiva dos autores e considero pertinente, é o diálogo. Todavia, não é qualquer diálogo para que se encerre em si mesmo, mas o destacado e proposto por Sennet, que imprime três formas de pensar o discurso: primeiro, que se inicie sem uma agenda predeterminada e sem regras de procedimento, com a esperança de que ambas possam emergir no diálogo; segundo, deve ser aberto, iniciado com a determinação de assumir o papel de quem aprende ao lado daquele que ensina, aceitando a possibilidade de estar errado; e, por último, cooperativo, que trate o diálogo como o jogo de soma *mais que zero* – sem o propósito de dividir os participantes em ganhadores e perdedores, mas de permitir que todos saiam enriquecidos em conhecimento e sabedoria. Nesse sentido e na dialogicidade sempre presente nas obras do Bauman, BABEL: entre a incerteza e a esperança é uma obra que busca a reflexão crítica e um caminho para esse interregno que o mundo está vivendo, na certeza de que novos rumos são capazes de surgir diante dessa sociedade que, aparentemente, parece esfacelada.

Recebido em: 21/03/2017

Aprovado em: 10/10/2017